

**“FAÇA ARTE, CRIANÇAS!”
AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA BÁSICA DA
UFPB**

Erinaldo Alves do Nascimento - UFPB

Roberto Andrade Câmara - UFPB

Idália Beatriz Lins Sousa- UFPB

Resumo

Este texto apresenta os resultados da investigação realizada pelo Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (GPEAV-DAV-UFPB), na Escola Básica, do Campus I, da UFPB. A pesquisa buscou responder aos seguintes questionamentos: *Qual o perfil dos professores que trabalham com Educação Infantil na Escola Básica da UFPB? Como são as práticas educativas em Artes Visuais nas turmas de Educação Infantil da Escola Básica da UFPB?* A necessidade desta pesquisa surgiu por se perceber a importância de pesquisar o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, na UFPB, e por existirem poucas pesquisas voltadas para este ensino na Paraíba.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais, Pesquisa, Educação Infantil.

Resumen

Este trabajo presenta los resultados de la investigación llevada a cabo por el Grupo de Investigación de las Artes Visuales en la Enseñanza - GPEAV en la Escuela Básica Campus I UFPB. La investigación buscó responder las siguientes preguntas: *¿Cómo son las prácticas educativas en las Artes Visuales en la primera infancia las clases de Educación en la Escuela Básica UFPB? ¿Cuál es el perfil de profesores que trabajan con la educación preescolar en la escuela básica UFPB?* La necesidad de esta investigación se dio cuenta de la importancia de la investigación de la enseñanza de las artes visuales en la Educación Preescolar en UFPB y porque hay pocos estudios dedicados a esta enseñanza en la Paraíba.

Palabras claves: Educación Artes Visuales, Investigación, Educación Infantil.

Introdução

O Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), do Departamento de Artes Visuais (DAV), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vem desenvolvendo várias pesquisas na Educação Infantil da Escola Básica da UFPB, em 2010 e 2011. A Educação Infantil refere-se à educação formal para

crianças de zero a seis anos de idade, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) – Lei nº 9.394/96.

Após detectar a necessidade de se pesquisar sobre a Educação Infantil na Paraíba, em vários encontros semanais do GPEAV-DAV-UFPB, foram pesquisados e apresentados diversos estudos sobre Educação Infantil, como fundamentos e modalidades para a realização de pesquisas nesse nível de ensino. A definição do local de investigação, temas, objetivos e problemas de pesquisa foram decididos coletivamente. Em seguida, formaram-se os grupos responsáveis por cada pesquisa a ser desenvolvida na Escola Básica da UFPB.

Uma das pesquisas, que está sendo apresentada e analisada neste momento, obteve o seguinte título: **“Faça arte, crianças!” As artes visuais na Educação Infantil da Escola Básica da UFPB.** As perguntas, que condensam os problemas da investigação em tela, foram as seguintes:

- *Qual o perfil dos professores que trabalham com Educação Infantil na Escola Básica da UFPB?*
- *Como são as práticas educativas em Artes Visuais nas turmas de Educação Infantil da Escola Básica da UFPB?*

Feita a divisão em grupos e definida a pesquisa a ser realizada, partiu-se para a elaboração do projeto de pesquisa e dos questionários, que poderiam ser aplicados com os professores/as, caso se julgasse necessário. Durante as visitas à escola Básica da UFPB, solicitamos informações sobre o Projeto Político Pedagógico da escola e realizamos um levantamento junto a Coordenação, buscando outras informações importantes sobre a quantidade de alunos/as matriculados, especialmente no período da tarde (período que foi pesquisado). Neste turno, a escola conta com, aproximadamente, 125 crianças. O turno da manhã não dispunha de nenhuma prática educativa em Artes Visuais, pois o horário destinado a esta “disciplina” está disponível para as aulas de capoeira.

A aplicação do questionário, na pesquisa de campo, foi realizada primeiramente por intermédio de um questionário piloto, em novembro de 2010.

Foram aplicados 10 questionários entre professores/as efetivos/as e estagiários/as. Durante três tentativas de recolhimento destes questionários, apenas um deles havia sido respondido. Desta forma, observando que não houve problemas nem equívocos com as questões, aplicamos o questionário no dia 18 de março de 2011. Só foi possível ser aplicado nesse período, pois os projetos internos da escola estavam em andamento e possivelmente teríamos falhado caso a aplicação tivesse ocorrido no final do ano letivo de 2010, quando havíamos iniciado a pesquisa de campo.

Sobre a relevância de pesquisar sobre as Artes Visuais na Educação Infantil da Escola Básica da UFPB

Percebemos a importância de pesquisar sobre o ensino de Artes Visuais¹ na Educação Infantil, por existirem poucas pesquisas relacionadas a este ensino na Paraíba, especificamente no que tange à prática educativa dos docentes.

A Escola Básica da UFPB, por exemplo, só havia sido pesquisada por outros campos do conhecimento. Ao detectar a lacuna existente, os integrantes do GPEAV-DAV-UFPB, cuja sede localiza-se no Pólo Arte na Escola, Campus I, da UFPB, mobilizaram-se para empreender várias pesquisas referentes ao Ensino das Artes Visuais na Educação Infantil, em João Pessoa-PB. Dentre as pesquisas já realizadas dentro do grupo, só havíamos pesquisado o Ensino Fundamental e o Ensino Superior no município de João Pessoa/PB. Explorar o universo da Educação Infantil passou a ser um grande e instigador desafio.

A única pesquisa publicada, com foco na Educação Infantil, foi a desenvolvida por Penna e Melo (2005). Trata-se de uma pesquisa advinda da dissertação de Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade da UEPB, intitulada “*Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo... as Artes Visuais em instituições de Educação Infantil em Campina Grande – PB*” (MELO, 2004).

Esta pesquisa realizou uma análise das práticas educativas em Artes Visuais de Pré-escolas da cidade de Campina Grande/PB. Serviu-se dos referenciais e propostas oficiais para o ensino de Artes Visuais. Mediante a concepção de Arte fundamental para a democratização da cultura, analisa diferentes concepções e procedimentos adotados na Educação Infantil.

Esta pesquisa fez-nos despertar, ainda mais, para a importância de se realizar pesquisas no nível infantil, especialmente em uma instituição dentro da Universidade Federal da Paraíba, na qual saem muitos profissionais formados em Licenciatura e Pedagogia, formações solicitadas para a atuação em instituições de Educação Infantil.

Pode-se dizer que a relevância desta pesquisa está fundada no entendimento que as Artes Visuais, em suas múltiplas possibilidades de materialização do discurso, representam um importante componente da atividade sociocultural, principalmente por constituir um sistema de significações específico. Possibilita um modo particular de reflexão, ação e modos de ver, dizer, agir e fazer do ser humano em relação a si próprio, aos demais indivíduos e ao meio social e cultural ao qual está inserido.

As atividades artísticas resultam de um sistema de discursos e significações inerentes a toda sociedade, em diversas épocas, constituído a partir de valores e sentidos próprios. Tem como principal função social possibilitar meios transmissíveis de informações para o intelecto, dentro de regras próprias de estruturação e ordenação do discurso, resultantes da combinação de experiências e esquemas representativos do pensamento.

Outra necessidade que justifica a realização desta pesquisa é averiguar se a Escola Básica do Campus I, da UFPB, está cumprindo a LDB 9394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais e a resolução 009/2006, que preveem a oferta de aulas de Artes na Educação Básica na cidade de João Pessoa/PB, entre as quais se inclui a Educação Infantil.

Compreende-se ainda que a atuação das escolas públicas de Educação Básica é a principal alternativa para promover o acesso da população à arte e à cultura historicamente produzida pela sociedade, em diversos contextos. É uma alternativa para reconhecer o papel democrático das escolas no acesso à educação e o valor educativo propiciado pela interação com as Artes Visuais. Defendemos a escola pública como um dos ambientes propícios para promover formas de ensino que instiguem a experimentação, a vivência e o

conhecimento efetivo das linguagens artísticas. Nesse sentido, torna-se de fundamental valor compreender como o ensino das Artes Visuais está sendo desenvolvido no âmbito destas instituições, como é o caso da Escola Básica do Campus I, da UFPB.

Contextualizando a Escola Básica da UFPB

A Escola Básica do Campus I, da UFPB, é a única instituição tutelada e mantida há cerca de 20 anos. Foi Fundada em 1990, vinculada a Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários - PRAC. Posteriormente, em 1993, passa a fazer parte do Centro de Educação - CE, atendendo a demanda da Resolução nº 06/93, com a denominação de Centro de Convivência Infantil – CECOI. É uma resposta às reivindicações da Associação dos Funcionários da Universidade Federal – AFUF - (hoje Sindicato dos Trabalhadores em Ensino Superior da Paraíba – SINTESP), Associação de Docentes da Universidade Federal da Paraíba – ADUFPB - e Diretório Central dos Estudantes – DCE. Presta serviços aos filhos de professores, alunos, funcionários da UFPB e a comunidade circunvizinha, na faixa etária de quatro meses a quatro anos.

Seu primeiro regulamento foi aprovado pelo CONSEPE, em 20 de novembro de 1995 – Resolução nº 55/95. Em 1997, mediante a Resolução nº 17/200, passou a funcionar como Creche-Escola no atendimento de crianças até a alfabetização. Em 2008, foi implantado o Ensino Fundamental com turmas do 1º e 2º ano, advindas do jardim II e alfabetização, respectivamente.

Atualmente, com a elaboração do novo Projeto Político-Pedagógico, da Proposta Curricular e do Regimento, transformou-se em Escola de Educação Básica, atendendo da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I, na qual funcionou, em 2009, com crianças de dois a seis anos de idade na Educação Infantil e com turmas do 1º ao 3º anos do Ensino Fundamental, com faixa etária entre seis a oito anos.

A Escola Básica da UFPB caracteriza-se por inovar em sua proposta teórico-metodológica e adotar o planejamento participativo a partir de temas geradores

que emergem da realidade dos educandos, vistos como sujeitos sociais capazes de produzir conhecimentos.

O perfil dos professores da Escola Básica da UFPB

Durante a pesquisa de campo, aplicamos os questionários junto aos professores/as, que trabalham com Artes Visuais na instituição. Em 2010, havia dez professores/as fazendo parte do quadro de docentes, sendo sete formados/as e três estagiários/as. Em 2011, este quadro modificou-se, passando a contar com apenas sete professores/as efetivos/as dos quais conseguimos que seis nos fornecessem as respostas dos questionários.

Um professor, que não respondeu, alegou não dispor de tempo devido as suas inúmeras ocupações, que estavam sendo executadas durante o período de aplicação da pesquisa. Em razão disso, o universo da população a ser investigada abrange a quantidade de seis professores entrevistados, totalizando 100%.

Para o questionário, foram elaboradas 16 questões com a pretensão de traçar um perfil dos docentes da Escola Básica da UFPB. As questões foram elaboradas de modo que pudéssemos obter dados socioeconômicos e da prática docente referente às aulas de Artes Visuais.

No primeiro bloco de perguntas, coletamos dados relacionados ao perfil socioeconômico do professorado. No primeiro gráfico, apresentado abaixo, podemos perceber que a maioria dos docentes é do sexo feminino, como em grande parte das instituições de Educação Infantil.

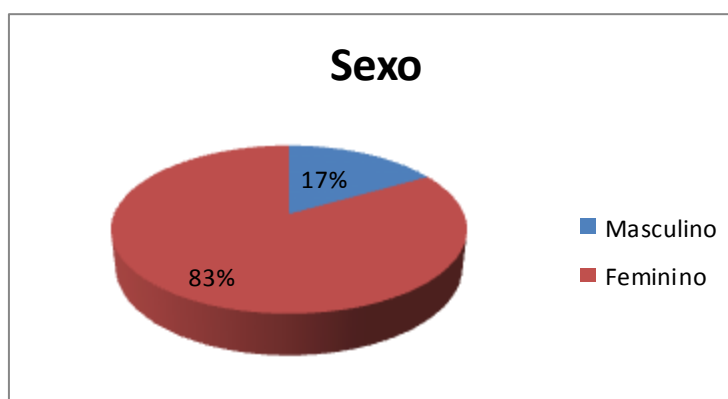


Gráfico 1 - Quanto ao sexo, *in loco*, 2010.

Podemos notar esta predominância do sexo feminino na educação ao longo da história do ensino no Brasil. Após a fixação da estrutura do ensino pelos religiosos em instituições, as aulas eram ministradas por freiras. Perfil absorvido pelas escolas até as proximidades dos tempos de hoje quando notamos uma maciça presença de mulheres ocupando a função docente. Este dado aponta para a quebra de um paradigma apontando para uma presença, ainda mínima, mas expressiva em termos de história.

Na história da concepção de instituições para o ensino infantil, na qual as mães precisaram se ausentar com os cuidados com suas crianças para trabalhar, resultando na criação de creches e pré-escolas. Assim estas instituições passariam a cuidar destas crianças, na qual professoras foram consideradas substitutas maternas, o que ainda reforçaria a presença das mulheres neste nível de ensino.

Outro dado questionado foi com relação à etnia, na qual dispusemos várias opções: branca, amarela, negra, parda, indígena e mestiça. O critério adotado foi o da auto-classificação. Com posse dos resultados, observamos um dado interessante: o auto-reconhecimento étnico selecionado por todos os seis docentes foi o mesmo, todos se consideraram “Pardos”. Diante deste dado, em conversa informal com a equipe técnica da escola, descobrimos que todos os professores/as provêm da região Norte. Historicamente, percebemos uma grande miscigenação étnica, na qual podemos perceber a motivação da escolha a respeito da etnia.

Outro dado, o que se refere à idade dos/as professore/as, permite-nos perceber que há uma maior maturidade nos docentes. O quadro abaixo aponta para 40% ter entre “36 a 40” e a maioria, 60%, afirmaram ter acima de 40 anos.

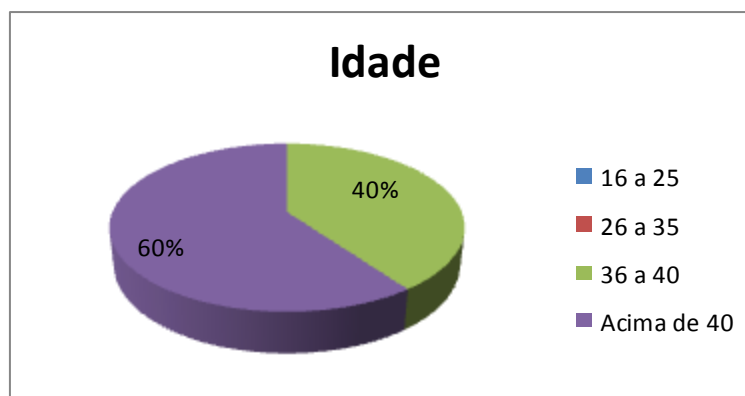


Gráfico 2 - Quanto à idade, *in loco*, 2010.

Questionamos também com relação à renda familiar, um dado que pode nos oferecer um parâmetro sobre os acessos que o professor dispõe a materiais didáticos, meios artísticos (cinema, teatro, exposições, etc.), além da satisfação com o próprio trabalho. Os dados evidenciam que 33% recebem entre quatro e seis salários mínimos e 67% recebem mais de seis salários mínimos. Portanto, denotam uma possível satisfação com o trabalho.

No segundo bloco de perguntas, questionamos sobre a formação profissional. Fizemos perguntas a respeito de graduação e pós-graduação, dentre elas, pedimos que especificassem em que áreas cursaram a graduação. 50% dos entrevistados responderam “Pedagogia”, 17% responderam “Educação Física” e 33% responderam “Letras”. Esse dado aponta para uma intimidade com o exercício da Licenciatura.

Para uma melhor visualização com relação aos cursos citados, organizamos um quadro que aponta para uma variação de tempo de um professor/a para outro/a com relação a sua formatura. A graduação se deu entre o período dos anos de 1984 e 2003. Portanto possuem no mínimo oito e no máximo 27 anos de conclusão nos respectivos cursos. Este dado aponta para uma maturidade profissional.

Curso	Ano de formação
Letras	2000, 1998
Pedagogia	1984, 2003, 2002
Ed. Física	1984

Quadro 1 - Ano de formação, *in loco*, 2010.

Com relação à possibilidade de terem cursado uma segunda graduação. Nenhum professor/a respondeu que “Sim”, 76% responderam “Não” e 33% não responderam. Entendemos que a busca por uma segunda graduação está atrelada a complementação profissional ou insatisfação com a graduação atual. Dados socioeconômicos analisados anteriormente sobre a renda dos professores, quando comparados ao dado da segunda graduação, reafirmam a situação de satisfação com o exercício da Licenciatura, caso houvesse uma resposta positiva a respeito deste dado estaria possivelmente relacionado à motivação de complementação profissional.

A complementação profissional em questão foi observada através da análise de outro dado referente ao curso de pós-graduação. Como podemos ver no Quadro 2, os cinco professores/as apontaram ter especialização e apenas um afirmou ter mestrado. São todas pós-graduações relacionada com o exercício da docência.

Pós-Graduação	Quantidade	Nível
Psicopedagogia	2	Especialização
Educação Básica	1	Especialização
Serviço Social	1	Mestrado
Gestão Escolar	1	Especialização
Educ. Infantil	1	Especialização

Quadro 2 – Que possui pós-graduação, *in loco*, 2010.

O professor que possui pós-graduação em nível de mestrado, na área de Serviço Social, não faz mais parte do corpo docente. Passou a integrar a equipe técnica em 2011. Mesmo, os que afirmaram ter especialização na área da educação, nenhum afirmou executar atividades ‘específicas’ relacionadas com a pós-graduação. Quando questionados sobre o tempo em que exercem a profissão de professor/a, as respostas variaram entre 22 e 30 anos de

docência. O tempo deste exercício dedicado à Escola Básica da UFPB está disponibilizado no quadro abaixo.

Quantidade	Ano de ingresso no corpo docente da escola Básica da UFPB
1	1992
3	1994
1	1996
1	2010

Quadro 3 - Ingresso no corpo docente da escola Básica da UFPB, *in loco*, 2010.

Feita a disposição destes dados relacionados ao perfil do corpo docente da escola Básica da UFPB, direcionamos as questões para as práticas educativas em Artes Visuais por parte destes profissionais, sendo um dos objetivos principais deste estudo, que verificaremos a seguir.

As práticas educativas em Artes Visuais na Escola Básica da UFPB

Com o terceiro bloco de perguntas, composto de quatro questões relacionadas à prática docente do professor/a, contamos com informações particulares de sua atuação em sala de aula, além das observações realizadas em algumas aulas e atividades. Tomamos o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI - como fundamento para esta análise, pois é um discurso oficial para Educação Infantil, utilizado em grande parte das instituições de ensino infantil do país.

Este documento enfatiza que a aprendizagem em Artes Visuais deverá acontecer mediante a interação entre o fazer artístico, a apreciação e a reflexão. Contudo nas orientações dos conteúdos para crianças de quatro a seis anos, “a reflexão fica subordinada ao fazer artístico e à apreciação em Artes Visuais (RCNEI, v.3, p.97; PENNA e MELO, 2005, p.25).

Perguntamos inicialmente aos docentes com relação ao planejamento das aulas. Percebemos que apesar do longo tempo de trabalho docente percorrido

por cada professor/a, existe um esforço em incluir conhecimentos iniciais das crianças no planejamento. Dialogando com o RCNEI, em seus objetivos, enfatiza que:

“os conhecimentos prévios de qualquer natureza, que as crianças já possuem sobre o assunto, já que elas aprendem por meio de uma construção interna ao relacionar suas ideias com as novas informações de que dispõem e com as interações que estabelece” (RCNEI, vol. 1, p.30).

Outros, apesar de não se aprofundarem nas respostas, apontam para uma possível preferência e/ou exclusividade por aulas práticas. Na tabela abaixo, dispomos as respostas para uma melhor visualização deste dado:

	Os alunos contribuem de alguma forma com o planejamento das aulas de artes?
1	Sim. Acompanhando o desenvolvimento dos conteúdos eles conseguem desenvolver desenhos referentes ao assunto.
2	Sim. A partir da necessidade que vai aparecendo em cada aula e com cada aluno.
3	Sim. As atividades são elaboradas de acordo com as necessidades dos alunos.
4	Sim. Com desenhos recorte e pinturas.
5	Sim. Através do diálogo e sugestão de imagens.
6	Não (equipe Técnica)

Tabela 1 - Os alunos contribuem de alguma forma com o planejamento das aulas de artes?, *in loco*, 2010.

Notamos que o direcionamento dado á prática, apesar de considerar as necessidades das crianças e o diálogo como pontos importantes para o planejamento, ainda apresenta um ensino de Artes Visuais que depende de outros conteúdos, possivelmente as crianças passam a criar a partir de outros saberes.

Questionamos também com relação os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais nas aulas, como podem observar no quadro abaixo:

Tabela 2 - Como você contempla os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais nas aulas de artes? , *in loco*, 2010.

	Como você contempla os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais nas aulas de artes?
1	Dramatização e história infantil;
2	Após a confecção de trabalhos onde contemplamos os trabalhos de pintura e desenhos;
3	A arte contribui na reflexão, disciplina e potencialidade do educando;
4	Temas ligados as datas comemorativas (eq. Técnica);
5	2 responderam “Através dos desenhos e histórias contadas”;

A partir das respostas, visualizamos que a maioria das aulas são práticas e voltadas para o grafismo infantil com a produção de desenhos e pinturas, utilizados para atingir os objetivos destacados pelos professores/as.

Observamos também a indicação que a arte possibilita o ‘desenvolvimento reflexivo’, ‘disciplina’ e ‘potência’ das crianças, termos que dialogam com o discurso do RCNEI. Podemos observar também que, mesmo que uma destas respostas tenha vindo de docente que não atua mais em sala de aula na instituição, a existência de um pensamento tradicional relacionado aos temas advindos de datas comemorativas, procedimento bastante questionado no ensino de Arte. Em outra resposta, percebe-se também uma frequente utilização da arte como ilustração para contar histórias. Assim, como o próprio RCNEI reconhece “as Artes Visuais têm sido, também, bastante utilizadas como reforço para a aprendizagem dos mais variados conteúdos” (RNCEI, v.3, p.87).

Ainda solicitamos informações com relação às fontes utilizadas por estes docentes na elaboração de suas aulas, por acreditarmos ser importante saber quais teóricos são utilizados nos planejamentos.

Quais bibliografias você utiliza em seus planejamentos?
--

Paulo Freire, Emília Ferreiro, Saviany, além de livros, revistas e jornais.

Paulo Freire, Emilia Ferreiro e Vigotsky.
Paulo Freire e Vigotsky;
Paulo Freire, Emília Ferreiro, Vigotsky, Ana Taberosky e outros.
Literatura sócio-construtivista e livros didáticos.
Variados;

Tabela 3 - Quais bibliografias você utiliza em seus planejamentos?, *in loco*, 2010.

Apesar de notamos que a bibliografia citada está em consonância com o PPP da escola, por estruturar-se em um sócio-interacionismo, com fundamento no primeiro volume do RCNEI, no qual os fatores sócios reais e a interação social são considerados “umas das estratégias mais importantes do professor para promoção de aprendizagens para as crianças”, sentimos falta entre os teóricos citados, alguma bibliografia específica para o ensino das Artes Visuais.

Tivemos oportunidade de, além de questionar os docentes por questionário, escutar sua fala e visualizar algumas de suas ações a partir de uma visita a Escola Básica da UFPB, na qual observamos como o ensino de Artes Visuais está sendo realizado no presente. Em um dos momentos observados, nos chamou atenção uma atividade que a professora/a vinha desenvolvendo com as crianças em uma turma de pré-escolar II, na qual foi utilizada a obra “Operários” de Tarsila do Amaral como conteúdo para trabalhar a “Identidade” das crianças. De acordo com o documento oficial para a Educação Infantil identidade caracteriza-se como:

“um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar e da história pessoal. Sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas pela criança, nas quais ela, alternadamente, imita e se funde com o outro para diferenciar-se dele em seguida, muitas vezes utilizando-se da oposição” (RCNEI, vol. 2, p.13).

Como não acompanhamos o processo inicial desta experiência, conversamos com a professora sobre a atividade, e ela nos contou que a mesma fazia parte de um projeto que objetivou relacionar às imagens de trabalhadores presente na obra com a origem das crianças da turma. Aproveitando o contexto da obra, associou a identidade das crianças, reforçando sua posição como cidadãos

brasileiros. Tentou evitar anacronismos entre imagens sem sentidos e a vida cotidiana, empregando a releitura. Inicialmente a professora exibiu a imagem da obra da artista Tarsila do Amaral, e em seguida fez a relação com o objetivo do projeto resultando no trabalho a seguir.



Imagem 1 - Produção artística do Pré-escolar II da Escola Básica da UFPB.

A partir desta e de outras ações presentes na Escola, percebemos que é frequente a utilização de projetos pedagógicos voltados para a utilização do desenho e da pintura, contemplando a interdisciplinaridade entre diversas áreas de conhecimento, como a língua portuguesa e assuntos sociais, mas que não existe um momento específico para aulas de Artes Visuais, que está sempre envolvida á outros conteúdos. Além disto, observa-se o uso de procedimentos bastante “desgastados”, como é o caso das releituras.

Nesta investigação, realizada com os docentes da Escola Básica da UFPB, observamos a consonância de práticas educativas realizadas por estes profissionais com o discurso presente no Referencial Nacional para a Educação Infantil. Outras análises, a partir do que foi exposto, podem ser desencadeadas, pois compreendemos que uma pesquisa pode sugerir várias discussões bastante pertinentes.

Nossa preocupação em realizar este estudo, não se resume apenas a conhecer o perfil dos profissionais, que atuam na Escola Básica, da UFPB, nem constatar como são as práticas educativas em Artes Visuais, apesar de ser o nosso objetivo principal. Almejamos também ajudar a dar maior

visibilidade a este nível de ensino infantil relacionado com as Artes Visuais, para que novos estudos sejam propostos e novas discussões possam acontecer.

¹ Usamos os termos Artes Visuais e Arte com letras maiúsculas quando nos referimos à disciplina escolar, redigidos desta mesma forma no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI).

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF. 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em 05 de janeiro de 2010.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **PCN - parâmetros curriculares nacionais para a educação infantil - referencial final**: documento introdutório ao referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília 1998. Disponível em: <<http://www.zinder.com.br/legislacao/pcn-inf.htm#3-16>>. Acesso em 03 de janeiro de 2010.

JOÃO PESSOA. Conselho Municipal de Educação. **Resolução nº 009, de 2006**. Implantação do ensino de artes em todas as séries e modalidades nos níveis infantil e fundamental no município de João Pessoa. João Pessoa, 2006.

PENNA, Maura; MELO, Rosemary Alves de, *Pintando o Sete? As artes Visuais na Educação Infantil*. In: MARINHO, Vanildo; QUEIROZ, Luis Ricardo (Orgs.). **Contexturas**: o ensino das Artes em diferentes espaços. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.p.13-48.

Erinaldo Alves do Nascimento

Doutor em Artes pela ECA-USP, com intercâmbio com a Universidade de Barcelona (Espanha). Mestre em Biblioteconomia (UFPB) e Graduado em Educação Artística (UFRN). Professor do Departamento de Artes Visuais e Coordenador do GPEAV-DAV-UFPB. É autor do livro “Ensino do Desenho: do artífice/artista ao desenhista auto-expressivo” (2010), Coordena o blog “ensinando artes visuais”.

Roberto Andrade Câmara

Estudante da Licenciatura em Artes Visuais pela UFPB. Membro do Grupo de Pesquisa de Ensino de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba. Colaborador no projeto de extensão do blog “Ensinando Artes Visuais”. Professor de Artes Visuais da Escola Mar e Sol, em João Pessoa.

Idália Beatriz Lins de Sousa

Licenciada em Educação Artística - Artes Plásticas na (UFPB), é membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais da UFPB, colaboradora no projeto de extensão do blog “Ensinando Artes Visuais” e mestranda no Mestrado Acadêmico em Artes Visuais – (UFPB/UFPE).